

Manhã submersa, “Os reis mandados” e a ironia*

Karina Amaral Fonseca**

RESUMO

Este artigo aborda comparativamente o romance *Manhã submersa*, de Vergílio Ferreira e o conto “Os reis mandados”, de José Cardoso Pires, a partir da perspectiva do Neo-realismo e da ironia, considerando-se: as personagens representativas do poder, o uso de mecanismos ideológicos, os objetos simbólicos que marcam o deslocamento dos protagonistas do espaço proletário para o espaço burguês e seus respectivos processos de aprendizagem.

Neste trabalho, procurarei traçar um paralelo entre o romance *Manhã submersa*, de Vergílio Ferreira¹, e o conto “Os reis mandados”, de José Cardoso Pires², enquanto textos que, com intuito de moralização, denunciam uma estrutura social opressora. A análise pretendida em nada se relaciona aos estudos comparativos tradicionais de fontes e influências. Trata-se de uma pesquisa que objetiva a percepção do que, nas obras, há de comum e de diferente no que se relaciona, principalmente, às personagens representativas do poder e à trajetória de vida traçada por estas para os protagonistas de ambos os textos.

Tanto o conto quanto o romance contam com protagonistas jovens, que desde cedo estão presos a um mundo adulto de obrigações, sem direitos e sem tempo para brincadeiras. Sobre eles se coloca toda uma expectativa de ascensão social almejada por seus familiares. Entretanto, na caminhada que realizam para alcançá-la, apresenta-se uma série de obstáculos, muitos deles impostos por um objeto simbólico de dupla face.

* Trabalho final do curso “Literatura Portuguesa: do Neo-realismo à Pós-modernidade – ironia e humor”, ministrado no Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas pela Prof^ª Dr^ª Lélia Maria Parreira Duarte.

** Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

¹ O romance *Manhã submersa* passa a ser referido pela sigla *MS*.

² O conto “Os reis mandados” nas citações subseqüentes será reconhecido pela sigla *ORM*.

Em *MS* podem ser percebidas ligações com as propostas do Neo-realismo português. O texto se apresenta através de um narrador de primeira pessoa que dá caráter de verossimilhança ao que é narrado. Este denuncia os problemas sociais por meio de ironização das personagens que representam o poder, desmascarando o discurso ideológico mantenedor deste e apresentando uma mensagem que consiste em mostrar a necessidade de mudanças na ordem social. Assim como *MS*, encontra-se o conto *ORM* dentro de uma perspectiva de denúncia da exploração da camada humilde da população, apontando para o leitor que a estrutura social deve ser repensada. No conto, também pude localizar personagens representativas do poder, bem como o discurso do dominador que é por elas utilizado.

MS encontra-se dentro da perspectiva maior do Neo-realismo: denúncia da exploração da camada proletária da sociedade. Esta é realizada em um texto narrado pelo protagonista Antônio Borralho, que conta suas experiências pessoais, enfocando o período em que viveu como seminarista. Esse narrador autodiegético oferece ao leitor uma sensação de verossimilhança em relação ao que é narrado. No prólogo do romance, Vergílio Ferreira é citado em carta assinada pelo protagonista Antônio (apelido de Antônio Borralho), fazendo com que, segundo Maria Lúcia Dal Farra (1978), o leitor se comprometa com o narrador-autor do romance. Esse caráter de verossimilhança dá a Antônio Borralho uma autoridade como narrador bem próximo do monologismo que caracterizou inicialmente o Neo-realismo.

Margarida Losa (1996) localiza o Neo-realismo como fenômeno literário que pretendeu recuperar o romance realista do século XIX enquanto espaço que buscava documentar os problemas sociais. Apesar de no prólogo de *MS* se afirmar o romance a ser lido como uma experiência individual – “História nova, porém, e vivida no sangue, eu tinha uma, sim, mas essa era só minha” –, e não como a história de um povo, nele se pode perceber a discussão de problemas sociais que ultrapassam a personalidade. Em *ORM* um narrador de terceira pessoa conta a trajetória individual de João Janico, que alijado do seu direito de ser criança, parte em busca de um emprego para ajudar no sustento da família. Entretanto, do mesmo modo que em *MS*, o conto oferece ao leitor a sensação de que o caminho a ser trilhado pelo protagonista não é apenas dele. Seguem essa mesma trajetória injusta muitos outros trabalhadores, “operários, seus iguais” (*ORM*, p. 19). A discussão por vezes suscitada sobre se são ou não neo-realistas os contos de Cardoso Pires não vem ao caso, o que importa é que no conto em análise, como em outros do mesmo autor, apresentam-se indícios que localizam uma insatisfação com um sistema social injusto.

A percepção de como a estrutura social é discutida nas obras pode ser apreendida, inicialmente, pelas personagens que representam o poder. Em *MS*, D. Estefânia, a 'protetora' de Borralho, e os padres do Seminário são os que encarnam a opressão.

D. Estefânia aparece como aquela que traça o destino de António Borralho, que decide seu futuro como seminarista. Exerce essa personagem uma espécie de poder fiscalizador, sempre observando se Borralho se mantém no posicionamento social traçado para ele. Essa figura de D. Estefânia, como representante do poder, é ironizada em alguns trechos do romance pelo narrador, o que demonstra uma dimensão crítico-ideológica da obra, no sentido de questionar o poder e os que dele desfrutam. Uma dessas passagens será aqui destacada: "Pude então reparar na língua de D. Estefânia, que era esponjosa, recortada aos bicos como as bordas de certas fotografias, coberta de uma capa esbranquiçada, e com uma grande fenda longitudinal. A aproximação da hóstia, toda ela tremia carnalmente" (*MS*, p. 73-4). Nesse trecho, ainda que só por um momento, cai a máscara que aproxima D. Estefânia de Deus (poder), possibilitando um vislumbamento da personagem como um ser carnal (humano, não superior). A personagem é sempre descrita de forma irônica, figura carcomida por sua própria virtuosidade: "Abri os olhos (...) e vi (...) o esqueleto de D. Estefânia segurando um candeeiro. A luz amarela batia-lhe, por baixo, a face esburgada, comida de ira e de virtude" (*MS*, p. 72); D. Estefânia (...) sentou-se. Tinha as mãos dadas no regaço, como duas aranhas mortas, mas ainda enganchadas de um último combate" (*MS*, p. 88). Os padres do Seminário, como também representantes desse poder opressor, não escapam à ironia. P.^e Tomás adentra o salão de estudos trazendo "a garnacha aberta como duas enormes asas negras" (*MS*, p. 44), o Pe. Fialho é descrito como portador de uma "feminilidade nervosa" (p. 19), o diretor espiritual de António Lopes exala "baforadas de mau cheiro". (p. 122)

Na obra, D. Estefânia e os padres do Seminário são as personagens mais bem delineadas como representativas do poder, mas, além dessas, pude perceber outras que também o figuram. Os santos, por exemplo, se pensados como seres pertencentes a um plano celeste que lhes dá superioridade em relação aos homens comuns, também fazem parte do poder. No texto, a figura de S. Luís, um santo da devoção dos seminaristas ricos, é ironizada: "Amílcar foi pelo S. Luís, esse santo melado, com cheirinho a roupa branca ...". (*MS*, p. 49)

Ainda na perspectiva de localizar as figuras opressoras na obra, pode ser Deus observado nesta como poder absoluto e temido: "Deus fiscalizava de olhar terrível" ... "Deus era o puro terror" (*MS*, p. 184). Ainda na figura da Divina Providência é simbolizado um poder manipulador: "a Divina Provi-

dência manipulara-nos o destino como muito bem entendera” (*MS*, p. 25). O poder em *MS* também pode ser relacionado aos colegas mais velhos do Seminário, aos quais os mais novos se submetem: “Como era já aluno adiantado, trouxe-nos o conforto da sua experiência. Dissemos os nossos nomes, não perguntámos o dele, submissos e radiantes”. (*MS*, p. 15)

Em *ORM* são personagens representativas do poder: o hóspede, o padraço e a mãe, com maior destaque para os dois primeiros. A personagem hóspede exerce um poder policiador, observador-verificador, sendo pessoa de fora cuja voz é muito respeitada pela família. O hóspede dá “seu parecer” (*ORM*, p. 14), sobre as botas, repreende Janico quando interrompe a fala do padraço e na mesa da casa lhe é reservado lugar de destaque à cabeceira, que compartilha com o dono da casa. Quanto ao padraço, dá ordens a Janico, decide seu destino de submisso à classe burguesa: “Inclina-te para as casas grandes, estabelecimentos de boas portas” (*ORM*, p. 17-18). Janico não tem nem o direito de estudar, seu dever é servir aos patrões, destino traçado por um poder que o padraço representa. Enquanto figura do poder a mãe de Janico é chamada de “Senhora” (*ORM*, p. 16) e não de mãe, denotando talvez uma certa hierarquia e superioridade desta em relação ao filho (mas não em relação ao marido cuja palavra “mãe e filho escutavam de pé”). (*ORM*, p. 17)

Assim como em *MS*, também em *ORM* as personagens representativas do poder são ironizadas. Essa ironia pode ser percebida através da importância dada ao par de botas pela família, que se posta em vigília de adoração frente a esse objeto que acena para a ascensão social. Com o final da luz do dia acabam as botas transformadas em dois pedaços de cheiro, farejados pelo padraço, pela mãe e pelo hóspede. Observe-se que ao invés de cheirar, farejam as botas. As personagens são ironicamente ‘animalizadas’, talvez no intuito de se ridicularizar essa submissão a um objeto que representa um poder que se quer alcançar. Ainda em relação à questão proposta, gostaria de confrontar as personagens D. Estefânia de *MS* e o padraço de *ORM*. D. Estefânia aparece na trama do romance como protetora, espécie de ‘madrinha’ de António Borralho, traçando-lhe o destino de ir para o Seminário. Em *ORM*, correlativamente, o padraço é aquele que traça o caminho de Janico como marçano no espaço burguês, sendo sempre chamado pelo menino de padrinho. Sinto-me tentada a comparar essas personagens à figura da fada-madrinha que aparece em alguns contos de fadas, enquanto aquela que fornece os meios capazes de levar o protagonista de origem humilde a ascender socialmente. Entretanto, nas obras em análise, as ‘fadas-madrinhas’, não se constituem, como nos contos infantis, separadamente da bruxa (D. Estefânia é mesmo chamada de “bruxa” (*MS*, p. 205) por Borralho!) ou da madrasta (no caso de *ORM*, padraço).

No romance e no conto, respectivamente, D. Estefânia e o padraсто oferecem aos protagonistas uma possibilidade de ascensão social através de um objeto simbólico (batina, botas), identificando-se como protetores, mas exigindo uma completa obediência. Em *ORM* o hóspede aponta as botas como “calçado para a vida e para a morte” (*ORM*, p. 15), aparentemente se referindo à durabilidade daquelas. Todavia, não estaria também sendo essa fala utilizada para externar uma mensagem, advinda de uma voz exterior à diegese, pertencente ao autor, a ser decodificada pelo leitor, em relação ao par de botas como objeto de dupla face, que aponta enganosamente para uma ascensão social e que é na realidade submissão?

Nos textos em análise não há apenas uma crítica ao poder por meio da ironização das personagens representativas deste, mas também uma denúncia dos mecanismos ideológicos utilizados pelos dominadores para a manutenção desse poder. De acordo com Luiz Costa Lima (1975), o grupo dominante, para manter o poder, precisa reprimir, evitar os questionamentos, “recalcar as questões perigosas, afastar as colocações em profundidade” (p. 166), aparecendo o discurso ideológico do dominante como discurso da exclusão. Em *MS* a utilização dessa estratégia ideológica do poder é denunciada. No Seminário, ocorre uma constante preocupação em evitar o surgimento de idéias de liberdade e de revolta contra a ordem estabelecida. Sempre que Ant3nio Borralho, ou algum dos outros seminaristas, coloca-se pensativo, os Padres Prefeitos do Seminário procuram interromper esse momento de reflex3o, levando-o ao grupo para participar de jogos e brincadeiras:

... quando o meu isolamento chamou de novo a atenç3o dos Prefeitos tive de modificar-me. Porque um dos crimes mais perseguidos e mais desejados do Seminário (...) era precisamente o pecado da solid3o. Quando algum de n3s se afastava para dentro de si pr3prio, logo a vigil3ncia alarmada dos Prefeitos o trazia de rastos c3 para fora. Os superiores sabiam que 3 press3o exterior cada um de n3s podia refugiar-se no mais fundo de si. Como sabiam tamb3m que a descoberta de n3s pr3prios era a descoberta maravilhosa de uma força inesperada. (MS, p. 171)

Da mesma maneira, conversas isoladas e comunicaç3o entre seminaristas de Divis3es diferentes s3o expressamente proibidas, talvez para afastar a possibilidade de constituiç3o de focos capazes de desenvolver uma reaç3o contra a opress3o imposta. A integraç3o vista entre os seminaristas 3, na maioria das vezes, artificial, surgida n3o em raz3o de amizade ou afinidade, mas em funç3o de uma estrat3gia utilizada pelos padres para manter uma superficialidade nas relaç3es: “E assim nos obrigavam a integrar-nos numa solidariedade geo-

métrica, ruidosa e exterior como de ladrilhos”. (*MS*, p. 171)

Há, no texto de Vergílio Ferreira, toda uma denúncia dirigida ao Seminário. Este aparece como espaço de prisão, capaz de roubar dos seminaristas a infância e a adolescência. Nesse espaço a liberdade não existe, sendo até mesmo lida a correspondência dos rapazes, a fim de evitar que as reclamações contra a instituição chegassem a ser conhecidas pelas famílias. Na obra é denunciada a falta de voz dos internos, obrigados ao silêncio e à submissão: “A luz pálida e redonda fechava-nos de um segredo submerso naquele vasto silêncio de um grande casarão com duzentos seminaristas mudos” (*MS*, p. 121). Em *ORM* também é denunciado esse silêncio imposto pelo poder. João Janico não tem voz nas decisões tomadas pela família. Não discute. Suas respostas são sempre positivas: “Sim, padrinho” (...) “É, sim, padrinho” (*ORM*, p. 18). Nem lhe é permitido participar da conversa: “Não se interrompe quem fala” (*ORM*, p. 17). Encontra-se preso a uma estrutura social que exige dele silêncio e obediência. Enviado ao espaço burguês, em busca de emprego, passa a se preocupar com “a família e a sua obrigação de pequeno trabalhador, marçano ou moço para voltas e recados”. (*ORM*, p. 22)

Em *MS*, apesar de todos os cuidados tomados pelos padres, os seminaristas ainda conseguem, apesar de tudo, formular alguns questionamentos e manter algumas amizades secretas, como no caso de Borrvalho e de seu amigo Gaudêncio, que chegam mesmo a discutir a existência de Deus. Embora se perceba nessa discussão a filosofia existencialista do autor do romance, poder-se-ia pensar estar sendo ela utilizada como recurso retórico para atizar no espírito do leitor dúvidas em relação a um poder estabelecido como supremo e/ou mesmo como preâmbulo de um questionamento, que se quer realizado pelo leitor, de uma ordem social injusta e das relações de poder.

Para Margarida Losa (1996) “Não há romance neo-realista propriamente dito que não articule na sua temática o imperativo da conscientização sócio-política e que, aberta ou veladamente, não aluda às virtudes revolucionárias dos explorados” (p. 32). Em *MS* tais virtudes podem ser encontradas em alguns seminaristas que se insubordinam contra a ordem estabelecida no Seminário. Os que abandonavam esse espaço sagrado eram tidos como heróis pelos outros seminaristas, oferecendo, através dessas ações individuais, alento e esperança aos que lá permaneciam. Entretanto, quase sempre descobertos, eram castigados.

Desde o início da trama, o seminarista Gama já apresenta ares de herói revolucionário ao defender o protagonista António Borrvalho: “Gama, cortando abusos, declarou, com espanto meu, que eu era seu protegido” (*ORM*, p. 18-9). Seu semblante é o de um bravo, de um herói: “Gama (...) tinha só aquela más-

cara valente de uma vingança reflectida” (*MS*, p. 17). Aproveitando o mito criado em torno de um bandido conhecido, Mão Negra, este seminarista, tentando realizar uma atitude heróica, se faz passar por ele, enviando cartas anônimas ao Seminário, exigindo a soltura dos internos, mas acaba sendo expulso sem conseguir seu intento. Esses momentos em que os seminaristas demonstram uma veia revolucionária se constituem em combates individuais, incapazes de abalar a estrutura opressora do Seminário. Compreendo que esses instantes de heroísmo individual servem na construção textual para convencer o leitor da necessidade da constituição de um ‘herói coletivo’³ ou de uma ação de grupo para realizar modificações significativas na ordem social.

Para Luiz Costa Lima (1975) “a posse do poder tanto implica a necessidade premente de mantê-lo, quanto a mais larga possibilidade de manipular as crenças do senso comum” (p. 165). Segundo o autor, essa manipulação das crenças do senso comum serve ao discurso ideológico do poder que se quer aceito como natural, realizando, para tanto, um deslocamento, ao afirmar valores culturais como naturais. Costa Lima (1975) nos apresenta um exemplo, tirado da obra de Aristóteles, bem exemplificador desse deslocamento produzido pelo discurso ideológico: “... aquele que por sua inteligência pode prever as coisas necessárias é *por natureza* dirigente e senhor, ao passo que aquele cuja força física o habilita a realizá-las é *por natureza* um escravo ...” (p. 167). Assim é que, em *MS*, a ideologia do poder funciona no sentido de convencer Antônio Borralho de que a condição de pobreza é uma coisa natural, ligada à raça e da qual ele se libertaria submetendo-se ao sacerdócio.

É interessante perceber, no romance, como esse discurso ideológico pode se introjetar no dominado, passando a ser tido por ele como natural: “... das raízes da minha raça, eu senti vir sobre mim, gravada de fatalidade, a minha condenação”; ... “uma falha desta nossa grosseira natureza ...” (*MS*, p. 163). Também em *ORM* o discurso ideológico do poder se introjeta no dominado, fazendo com que o “*trabalhador* dono da casa” (padrasto) e o “*trabalhador* hóspede” (*ORM*, p. 15, grifos meus), representantes da classe proletária, ajam como veículos reafirmadores de uma estrutura social que exige a sujeição de Janico, considerado apenas como mão-de-obra.

O discurso ideológico funciona não só no sentido de convencer a classe dominada de que esta é sua condição natural e de que só a submissão pode levá-la à ascensão social. Presta-se também a transformar símbolos ligados à libertação em símbolos do poder. Em *MS*, fala-se dessa capacidade ideológica do poder, capaz de, através do discurso do Reitor do Seminário, transformar a

³ Margarida Losa fala desse herói coletivo em seu artigo “O herói”.

morte do seminarista Gaudêncio, que desejava romper com a opressão e alcançar a liberdade, numa espécie de símbolo ideológico em favor da fé. Assim, Gaudêncio passa a ser usado ideologicamente pelo poder e, segundo um comentário de Borralho, parecia pertencer de fato “à grande máquina que nos destruí há anos”. (*MS*, p. 200)

O Seminário aparece como espaço da discriminação que reduplica as relações sociais, havendo uma distinção entre alunos feios e bonitos (entre os lavradores e os proprietários). O texto alertaria o leitor para o fato de que o discurso do dominador pode ser reduplicado pelo discurso do dominado, passando este também a realizar discriminações, como se vê na fala de Antônio Borralho: ... “a primeira distinção que eu fazia (e depois verifiquei que também faziam os Prefeitos) era essa, precisamente, de alunos *feios* e *bonitos*”. (*MS*, p. 28)

Em *MS* há toda uma denúncia da exploração social, indicando-se a subordinação da classe proletária à classe dominante. Antônio Borralho chega a falar em uma “submissão milenária”⁴ (*MS*, p. 33), talvez sugerindo, com essa expressão, que essa subserviência não se refere somente ao protagonista, mas a todo o seu povo, vinda de longa data. Também em *ORM* pode-se notar essa submissão ao dominador, como já abordei na cena da vigília às botas, e ainda no conselho que o padrao dá a Janico para inclinar-se a esse poder, fazendo com que este, já perambulando pelo espaço burguês, procure encontrar “dono e pão” (*ORM*, p. 23). A obediência de Janico é apontada como fator que poderia levá-lo à ascensão social: “Inclina-te para as casas grandes, estabelecimentos de boas portas, porque aí, além da gorjeta, sobe-se” (*ORM*, p. 17). Faz parte do discurso ideológico do poder apresentar a ascensão como solução para uma situação de inferioridade social. Os textos em análise parecem imbuídos de um caráter pragmático ao demonstrar que a ascensão social do dominado ao poder não passa de um jogo ideológico mantenedor de uma ordem injusta, porque não soluciona as questões sociais, mantendo uma classe dominante e outra dominada.

Em *MS*, acredito ser possível ver essa questão reduplicada nos jogos de partidos do Seminário, em que cada aluno que desejasse subir de posto poderia desafiar outro aluno de posto superior dentro do mesmo exército, já acirrando nos jovens a competitividade capitalista, em uma espécie de “guerra infantil” (*MS*, p. 53). Em *ORM*, a própria brincadeira que dá nome ao conto também pode ser percebida como reduplicadora das relações sociais, em que há aquele

⁴ É interessante perceber como as palavras submissão e submisso são constantemente referidas no texto: submissos (*MS*, p. 15); desespero submisso (p. 32); a voz da nossa submissão (p. 48); morte e submissão (p. 74); submissão universal (p. 118).

que estabelece regras a serem seguidas pelos outros, com possibilidade de alternâncias nos papéis, mas sempre mantendo diferenças entre o Rei-Um e os outros Reis-Mandados.

Maria Lúcia Lepecki (1977) afirma em relação ao romance **O anjo ancorado** que personagens transportadas para um novo local geográfico mantêm contato com o local de origem por meio de um objeto simbólico ou pelo percurso de retorno. Esse deslocamento se faz do lugar de origem para o de conflito, frisando as diferenças entre burgueses e aldeões. Esses dados também podem ser observados em *ORM*. No conto, João Janico parte do espaço proletário onde mora para o espaço burguês de “praias nobres” (*ORM*, p. 19), onde procura emprego como marçano. Ao fim do dia, não conseguindo trabalho nos estabelecimentos burgueses, retorna para casa. Nesse trajeto realizado entre o espaço proletário e o espaço burguês, alguns objetos relembram seu local de origem, entre eles, as calças, a lancheira e as botas: “Enquanto comia pôs-se a observar a lancheira fabricada pelo padraço com finas tábuas aplainadas e cantos de folha batida. Isso e as calças molhadas, apesar de as ter arregaçado, lembravam-lhe a família e a sua obrigação de pequeno trabalhador, marçano ou moço para voltas e recados”. (*ORM*, p. 22)

Dentre esses objetos, o par de botas se destaca enquanto objeto simbólico de duplo sentido. No espaço proletário se faz objeto de boa apresentação para o mundo burguês, de aproximação com o dominador, constituindo-se em meio que o levaria ao emprego, a um sonho de ascensão social da família. Ironicamente, transformam-se em “malditas botas” (*ORM*, p. 27) no espaço burguês, transmutando-se em símbolo de humilhação, machucando os pés de Janico, tolhendo-lhe a liberdade e lembrando-o de suas obrigações. As botas vão ficando cada vez mais pesadas, indicando ao leitor a necessidade de se perceber, na vida real, quão injusta é a situação do proletariado.

João Janico, não conseguindo emprego, encaminha-se para casa. Entretanto a humilhação que sentia não perdura, porque deixa de se ver apenas como “Janico, rei-mandado” (‘pau-mandado’) para se perceber como “João Janico” (*ORM*, p. 27). Parece-me que essa cena final do conto indica um aspecto de moralização para o leitor, que deve passar a observar a classe proletária não somente como força de trabalho, mas como agrupamento humano com direito a uma sociedade mais justa.

É interessante observar que, ao tentar relacionar as botas do conto *ORM* às botas dos contos infantis “O gato de botas” e “O pequeno polegar”, percebi como nestas histórias estas também levam os protagonistas do espaço proletário ao espaço burguês, sem, entretanto, o retorno ao primeiro, constituindo-se em objeto símbolo da ascensão social dos protagonistas após a destruição do

opressor. A solução apresentada nessas histórias é simplista: o desfavorecido vence o representante do poder e lhe toma o lugar, passando a gozar das riquezas da elite social. Esse final 'cor-de-rosa' resolve, aos olhos do leitor carente de soluções, o problema social apresentado nos contos infantis. Entretanto, a vitória sobre os agentes do poder é falsa, conquanto os heróis passam a ocupar o lugar da opressão.

Em *ORM*, esse desfecho não encontra lugar, já que o intuito do texto me parece ser exatamente o de levar o leitor a refletir sobre a questão social. Essa colocação pode ser estendida a *MS*, texto também marcado pelo deslocamento do protagonista entre espaço proletário e espaço burguês e pela batina como objeto simbólico, em que a ascensão social não é alcançada, talvez com o objetivo de causar no receptor a reflexão antes referida.

Os deslocamentos em *MS* ocorrem entre o Seminário (espaço do poder) e as aldeias dos seminaristas (espaço de origem).⁵ Especificamente em relação a Antônio Borralho, essas idas e vindas se fazem entre o Seminário e a aldeia de Castanheira. Dentro do espaço da aldeia, Borralho se desloca da casa de sua família (espaço proletário) para o lar de D. Estefânia (espaço burguês). Na nova habitação, ainda se desloca da mesa dos empregados para a mesa da família burguesa. Esses constantes deslocamentos causam sentimentos de conflito e de não lugar em Borralho, que começa a se sentir estranho tanto no ambiente proletário quanto no burguês. Na casa de sua família é tratado como pessoa de importância, tratamento este que o faz sentir-se solitário. Em casa de D. Estefânia continua não alcançando *status*, sendo sempre marcado pela discriminação realizada por ela e por sua família, que o tratam como um ser inferior.

Nesse trajeto, a batina se faz objeto simbólico. No espaço proletário representa para sua família um meio de levar à satisfação de uma "fome de queijos". Para Borralho, entretanto, o hábito negro de padre é uma espécie de encarceramento reduplicador da prisão do Seminário. A vestimenta sacerdotal contrasta com o sonho de liberdade da personagem: "Tiraria logo a gravata preta, andaria em mangas de camisa, espojar-me-ia, como um animal, no gozo da minha liberdade". (*MS*, p. 172)

Durante a narrativa, Antônio Borralho se transforma: "Muita coisa aconteceu e me fui modificando certamente" (*MS*, p. 182). Deixa de ter uma visão romântica de sua aldeia e de seu povo e começa a perceber criticamente o espaço proletário de sua origem: "De novo fiquei suspenso da imagem da minha aldeia, da minha serra, da minha antiga liberdade. (...) Nada era como eu tinha fantasiado e não sabia porquê. Parecia-me que havia sempre outras coi-

⁵ Localização desses deslocamentos na obra: p. 11, p. 57, p. 95, p. 140, p. 152, p. 172, p. 181, p. 185, p. 202.

sas à minha volta que eu não supunha ...” (*MS*, p. 140). Nessa caminhada, o fato negro é um objeto simbólico que funciona às avessas: ao invés de levar à ascensão social, leva ao crescimento interior da personagem.

Borrvalho... Este nome me recorda a Gata Borrvalheira, que, apesar de certas semelhanças com o protagonista de *MS* (personagem da classe explorada, que transita para o espaço burguês, através de um objeto simbólico) dele se diferencia em um aspecto de grande relevância: para o Borrvalho de *MS* não há uma solução mágica, mas aprendizado.

As dúvidas de Borrvalho são encerradas por uma cena em que este decide se libertar, através da morte, do destino de ser padre. Entretanto, no momento final, desiste, apesar de sofrer com isso uma mutilação. António Borrvalho deixa o Seminário, mas, por outro lado, não fica ileso. Permanece marcado, uma marca que parece o autor querer gravada também no leitor, que deve ser mutilado em sua passividade frente as questões sociais.

Tanto em *MS* quanto em *ORM* os protagonistas retornam ao local de origem sem que o poder seja desestabilizado, apesar das críticas irônicas nos textos, parecendo constituir objetivo destes fazer o leitor refletir sobre esse domínio injusto e opressor.

Inicialmente, procurando localizar as personagens que representam o poder nas obras e explicitando os mecanismos ideológicos por elas utilizados, tentei indicar o caráter pragmático dos textos literários em análise. Em seguida, busquei salientar os contratemplos sofridos pelos protagonistas quando partem do espaço proletário para o espaço burguês e o caráter moralizante desses obstáculos para o leitor.

Observei também que os protagonistas de *MS* e de *ORM*, ao passar por esses instantes de sofrimento, atingem etapas de amadurecimento, fazendo-me lembrar o percurso necessário por que passara Édipo na sua jornada entre Corinto, Tebas e, finalmente, Colona, para onde se encaminha após a dolorosa descoberta de seus crimes, tornando-se um espécie de sábio. Essas transformações são marcadas por objetos simbólicos (em *MS*, o fato negro de Borrvalho; em *ORM*, as botas de Janico) que indicam um desejo de ascensão social das famílias dos protagonistas, mas que acabam servindo como índice de humilhação destes e, posteriormente, como mecanismos que colaboram para um processo de aprendizagem, levando Janico à percepção de si e Borrvalho ao amadurecimento, talvez no intuito ideológico de levar o leitor à percepção da ordem social.

Margarida Losa (1996) refere-se a certos romances neo-realistas que podem ser tomados como narrativas de aprendizagem, em que o maior intuito

do autor seria o de “mostrar o processo de aprendizagem e conversão vivido no interior da personagem” (p. 35). Nas obras em análise, como já indiquei, pode ser vislumbrado, em relação aos protagonistas, ainda que embrionariamente, esse processo de aprendizagem que se inicia.

Nos textos enfocados se mostra o processo de dominação, mas pensar as soluções fica a cargo do leitor, pois se cria neste, como afirma Margarida Losa (1996), a sensação de que é preciso “gerar a resolução do texto após a sua leitura, isto é, a realidade em que o leitor vive” (p. 36). Enquanto textos preocupados com questões ideológicas, as duas narrativas tentam, retoricamente, convencer o leitor da necessidade de uma transformação social, o que as aproxima de um monologismo.

Concluindo, acentuo que neste trabalho tentei refletir sobre os referidos textos literários, no que os localiza como espaço da ironia retórica e de questões pragmáticas, buscando estabelecer hipóteses, trabalhando suposições, sem tentar fixar respostas, por compreender que muitas outras discussões podem ainda ser suscitadas sobre o assunto.

ABSTRACT

This paper attempts to study comparatively the novel *Manhã submersa*, (Vergílio Ferreira) and the short story “Os reis mandados” (José Cardoso Pires), from the characteristics of Neorealism and rhetoric irony, considering: the characters who represent power, the use of ideological mechanisms, the symbolic objects that mark the protagonists shifting from the proletarian space to the bourgeois one and their respective learning process.

Referências bibliográficas

- BOOTH, Wayne. Isto é irônico? Trad. Eliane Cunha Ferreira et al. *Cadernos do NAPq*, Belo Horizonte, n. 22, 1994, p.11-43.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. A estimulação do discurso pela narrativa (Manhã submersa). In: *O narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*. São Paulo: Ática, 1978, p.57-64.
- DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e fingimento literário. *Cadernos do NAPq*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, n. 15, fev. 1994, p.54-78.
- FERREIRA, Vergílio. *Manhã submersa*. 3. ed. Lisboa: Portugália, 1968. 209p.
- LEPECKI, Maria Lúcia. Os modos da complexificação. In: *Ideologia e imaginário – ensaio sobre José Cardoso Pires*. Lisboa: Moraes, 1977. p. 21-46.
- LIMA, Luiz Costa. *As projeções do ideológico*. Cadernos da PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1975, p.155-203.
- LOPES, Silvina Rodrigues. Nietzsche: a máscara e o mito. In: *A legitimação em literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994. p.199-210.
- LOSA, Margarida. O herói. *Vértice*, Lisboa, n. 75, dez. 1996, p. 32-7.
- MUECKE, D. C. Marcas de ironia. Trad. Márcio Serelle. *Cadernos CESPUC de pesquisa*, Belo Horizonte, Série traduções, n.1, 1996, p. 43-54.
- PERRAULT, Charles. *O gato de botas*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- PERRAULT, Charles. “O pequeno polegar”. In: *Tesouro da juventude*. V. II. São Paulo: Jackson, 1958. p. 173-176.
- PIRES, José Cardoso. Os reis mandados. In: *O burro-em-pé*. Lisboa: Moraes, 1979, p.13-27.
- REIS, Carlos. Expressão e comunicação ideológica. In: *O discurso ideológico do Neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 175-202.
- VEGA, Celestino F. de la. Estructura y sentido del humor. In: *El secreto del humor*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1967. p. 51-78.